

Em suas próprias palavras: o que preocupa as crianças on-line?¹

*Sonia Livingstone*²

*Lucyna Kirwil*³

*Cristina Ponte*⁴

*Elisabeth Staksrud*⁵

INTRODUÇÃO

Mensagens racistas; mensagens sexuais; alguns envios de filmes de horror como Necrotério Russo. (Menina, 11 anos, Romênia)

Propostas de encontro vindas de pessoas que eu não conheço, fotos de pessoas nuas, alguém sofrendo bullying ou cenas mostrando homicídio (Menino, 12 anos, Polônia)

¹ Republicação em português com autorização. Publicação original: LIVINGSTONE, Sonia; KIRWIL, Lucyna; PONTE, Cristina; STAKSRUD, Elisabeth. *In their own words: What bothers children online?* European Journal of Communication 2014, Vol. 29(3) 271–288 DOI: 10.1177/0267323114521045

² London School of Economics and Political Science, Reino Unido

³ University of Social Sciences and Humanities, Polônia

⁴ New University of Lisbon, Portugal

⁵ University of Oslo, Noruega

Piadas de mal gosto se referindo a deficiências, racismo, sexismo, guerra, etc. Mensagens que ofendam outras pessoas, fotos embaraçosas publicadas por outros. (Menina, 15 anos, Irlanda)

Embora as crianças gostem de experiências estimulantes e valiosas na internet, elas também acham a internet arriscada, até mesmo prejudicial, como mostrado pelas citações acima feitas por crianças a quem pedimos para descrever o que na internet preocupa ou incomoda crianças da idade deles. Pesquisas mostraram que, assim como aumentou o acesso das crianças a oportunidades *on-line*, também aumentou o risco de danos (Livingstone et al., 2012). Um crescente conjunto de pesquisas de dados examina a prevalência e distribuição de risco para assim fundamentar a agenda de políticas públicas, direcionar a sensibilização e desenvolver ferramentas para capacitação e proteção de crianças *on-line* (Livingstone et al., 2012; O'Neill et al., 2013; Palfrey et al., 2008; Staksrud, 2013; UNICEF, 2012).

A Pesquisa EU Kids On-line feita com 25.000 crianças europeias, descobriu que 30% dos usuários de internet entre 9 e 16 anos tem tido contato on-line com alguém que não conhece cara-a-cara, e 9% foi a um encontro cara-a-cara com alguém que conheceu *on-line*. Mais ainda, que 21% dos usuários entre 11 e 16 anos já se depararam com pelo menos um tipo de conteúdo potencial prejudicial gerado por usuário, enquanto 15% (de 11 a 16 anos de idade) já viram ou receberam mensagens sexuais na internet. No próximo item mais recorrente, 14% dos usuários entre 9 e 16 anos viram imagens sexuais em sites no ano anterior e 6% receberam mensagens grosseiras ou ofensivas na internet (Livingstone et al., 2012). Desses riscos, o *bullying on-line* resultou na maior proporção de crianças incomodadas; mensagens sexuais e pornografia foram percebidas como menos preocupante e encontrar na vida real pessoas conhecidas *on-line* foi o menos provável de causar incômodo às crianças.

As pesquisas geralmente fazem questões fechadas em áreas de interesse político já estabelecido, embora pesquisadores qualitativos estejam começando a investigar um leque maior de riscos – incluindo sites pró-anorexia (Bond, 2012), práticas comerciais invasivas (Nairn e Dew, 2007), invasões de privacidade (Boyd e Marwick, 2011), vírus e popups (Eurobarometer, 2007) e comportamento rude (Centro Internet mais Segura, 2013). Esse artigo analisa

um questionário de pesquisa aberto que revela a gama de preocupações das crianças sobre o ambiente *on-line*. O objetivo é entender quais riscos as preocupam mais, como elas os percebem e como suas preocupações se comparam com aquelas na agenda de políticas públicas.

O estudo está alinhado com a nova linha de sociologia infantil que enfatiza uma metodologia centrada na criança, elaborada para reconhecer as vozes e experiências delas (James et al., 1998). Essa linha também reconhece os efeitos compensadores das restrições estruturais da família, escola e a cultura de pares: *on-line*, é teorizado como oportunidades da internet (Bakardjieva, 2005). É igualmente pertinente para nossa consulta, a tradição há muito estabelecida de pesquisa social psicológica sobre os efeitos potencialmente danosos da mídia sobre o bem-estar das crianças, envolvendo especialmente programas de televisão, filmes ou jogos de computador assustadores, violentos ou sexuais (Bushman e Huesmann, 2006; Hoffner e Levine, 2007; Kirwil, 2012; Peter e Valkenburg, 2008).

As tradições centradas em crianças e efeitos compartilham um interesse nos relatos das crianças sobre o contexto social em que elas interagem com a mídia e suas respostas emocionais. Por exemplo, pesquisas revelaram como as crianças assistem filmes assustadores junto de irmãos ou amigos por segurança (Jerslev, 2001; Wilson, 1989), buscam conteúdo sexual exatamente para aprender o que os adultos preferem que elas não saibam (Buckingham e Bragg, 2004) ou tentam assistir filmes classificados para pessoas mais velhas que elas e depois fecham os olhos nas partes chocantes (Buckingham, 2006). Através das ações das crianças, esses contextos sociais são modelados por reguladores da mídia e pelos pais (Millwood Hargrave e Livingstone, 2009). No entanto, a tendência histórica parte de uma ênfase em propriedade partilhada de mídia na família seguindo em direção ao uso personalizado e privado de mídia, impedindo o gerenciamento pelos pais do que as crianças acessam na mídia através de normas ou supervisão (Livingstone, 2009). O resultado é a pressão sobre os legisladores para iniciar diretrizes para produtores, códigos de conduta, ferramentas de segurança e relatório, classificação de conteúdo, ferramentas de filtragem e configurações de privacidade para garantir que as crianças não estão indevidamente expostas a conteúdo e contato inapropriado (O'Neill et al., 2103).

Por mais louváveis que muitas dessas iniciativas sejam, elas geralmente têm sido guiadas mais por uma agenda de pânico de mídia do que por uma

agenda baseada em pesquisas com crianças (Haddon e Stald, 2009; Staksrud, 2013). Na década passada, a agenda política se focou primeiro na ameaça de atividades de pedofilia (aliciamento, imagens de abuso de crianças, ‘o perigo do estranho’), depois, na ameaça vinda dos pares (ciber-bullying, mensagens sexuais). As preocupações sobre a exposição à pornografia continuam altas, a atenção ao ‘vício’ por internet está crescendo e está aumentando a preocupação em relação à privacidade das crianças (O’Neill et al., 2103). Como a internet está cada vez mais incorporada a atividades que partem da socialização até a aprendizagem, exploração e participação, é hora de perguntar se os legisladores estão atendendo às questões que realmente preocupam as crianças.

MÉTODO

Uma amostra aleatoriamente estratificada de 25.142 crianças europeias usuárias de internet com idade entre 9 a 16 anos foi entrevistada em casa durante a primavera e verão de 2010. Além de várias questões fechadas, fez-se às crianças uma pergunta aberta: ‘Quais coisas na internet preocupariam pessoas da sua idade?’ Reconhecendo os desafios metodológicos e éticos de pesquisar os conceitos de risco de crianças (Gorzig, 2012; Ponte et al., 2013), cada criança escreveu sua resposta de forma particular em um pedaço de papel e a pôs em um envelope autosselado para que nem o entrevistador nem os pais (se presentes) pudessem ver como as crianças responderam. Um dado importante é que a questão aberta foi feita antes de qualquer outra questão sobre risco, assim as crianças deram seus pontos de vistas espontaneamente.

Uma em cada três (38%) identificaram um ou mais riscos on-line que eles consideram preocupantes para pessoas da sua idade na internet (N = 9636 crianças: 5033 meninas e 4603 meninos). Os níveis de respostas variaram de 73% das crianças na Dinamarca para 4% na Espanha (com menos de 30% também na Áustria, Eslovênia, Hungria, Bulgária e República Tcheca). Essa variação pode ser devido a uma diferença genuína no nível de preocupação das crianças ou pode ter resultado de diferenças na metodologia de campo, por isso é necessário cautela ao extrapolar os resultados para todos os países. Um esquema de codificação padrão foi testado nos países dos quatro autores e revisto antes de finalizar as instruções codificadas. As respostas das crianças, escritas em 21 línguas, foram codificadas por falantes nativos.

Tabela 1. Coeficientes kappa de concordância entre os codificadores para cada variável.

Variável	N	Coeficiente kappa
Tipo de resposta	7508	0.85
Tipo de plataforma	6579	0.82
Número de riscos mencionados*	6570	0.87*
Primeiro risco mencionado	6306	0.78
Segundo risco mencionado	2636	0.74
Terceiro risco mencionado	765	0.77
Emoção	6435	0.63

Nota: Dados da Suécia não foram duplamente codificados.

*Coeficiente de correlação de Pearson.

Das 9636 crianças que identificaram os riscos, 54% identificaram um risco, 31% identificaram dois riscos e 15% identificaram três ou mais riscos. Foi codificado mais de três riscos por criança quando aplicável. Por exemplo, a resposta “Clipes ou imagens assustadoras/horror. Mensagens abusivas/bullying”, foi codificada como dois riscos; e a resposta “Comentários nas contas de redes sociais das pessoas. Quando postam linguagem ofensiva para mim” foi tomado como referindo-se a um risco. As respostas foram literalmente codificadas por dois codificadores independentes e a confiabilidade intercodificador é mostrada na Tabela 1. Além disso, respostas ilustrativas foram traduzidas para o inglês para os propósitos desse artigo.

O primeiro a ser codificado foi o *tipo de resposta*: “Sem resposta”; “Não sabe”; “Nada é preocupante”; “Resposta irrelevante”; “Relata um problema de qualquer natureza”. Respostas que mencionaram problemas de qualquer natureza foram, posteriormente, codificadas segundo os 40 *tipos de risco* identificados através da análise teste do material (ver Tabela 2). Algumas crianças mencionaram uma plataforma associada com o risco ou uma reação emocional como parte de suas respostas. As *plataformas* foram codificadas como: “Não mencionada”; “e-mail”; “Mensagem instantânea”; “Chat/salas de chat”; “Facebook, Hi5, outras redes sociais”; “Twitter (ou similar)”; “Jogos”; “Sites de compartilhamento de vídeo (incluindo YouTube)”; “Websites”; “Celular”; “Outros (ex. ‘o computador’)”. As *emoções* foram codificadas como: “Nenhuma emoção expressa na resposta”; “Medo (ex. assustador, inquietante)”; “Repugnância (ex. grosseiro, maldoso, ofensivo)”;

“Aborrecimento (ex. aborrecedor, irritante)”; “Reação positiva (ex. excitante, curioso, legal, engraçado)”; “Outro – qualquer outra emoção não codificada”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados-chave incluem a diversidade e a distribuição dos riscos, os riscos mais relatados e a relação entre riscos e plataformas.

Diversidade de riscos

Embora os riscos mais mencionados fossem familiares com as agendas públicas e políticas (ver Quadro 2), as crianças identificaram uma longa e altamente diversa lista de riscos que as preocupam. Entre os exemplos inclui-se:

Pop-ups com coisas em que você tem que comprar algo. Ou pessoas que queiram te enganar. (Menino, 10 anos, Dinamarca)

Quadro 2. Frequência dos riscos codificados por tipo.

Tipo de risco	N	%
CONTEÚDO DO RISCO (em sites, em mensagens de massa, imagens, etc.)	8543	55.4
Riscos de conteúdo pornográfico	3157	20.5
Conteúdo pornográfico ou sexual (incluindo conteúdo adulto, conteúdo inapropriado, pessoas nuas, pornografia, imagens privadas)	3022	19.6
Pornografia violenta (ex. violação, estupro)	135	0.9
Riscos de conteúdo violento	2700	17.5
Conteúdo violento/agressivo (ex. violência, tortura, abate de animais)	2357	15.3
Conteúdo sangrento (sangue, dor, etc.)	343	2.2
Riscos de outros conteúdos	2686	17.4
Conteúdo não desejado em geral (não especificado - ex. imagens inapropriadas)	1161	7.5
Conteúdo assustador	530	3.4
Conteúdo sobre drogas	297	1.9

(Continua)

Quadro 2. (Continuação)

Tipo de risco	N	%
Conteúdo comercial (ex. Publicidade para ganhar dinheiro; sites que prometem dinheiro)	242	1.6
Conteúdo sobre lesões auto inflingidas ou suicídio ou anorexia/bulimia	235	1.5
Conteúdo racista	117	0.8
Conteúdo de ódio	61	0.4
Conteúdo prejudicial para autoestima (ex. sites que fazem nos sentirmos mal com nosso corpo)	43	0.3
CONDUTA DE RISCO (geralmente de outros jovens)	3155	19.4
Outros meios ou condutas agressivas (ex. receber mensagens obscenas; ameaças, insultos que baixem nossa autoestima e nos afete psicologicamente)	786	5.1
Bullying (geralmente agressão repetida)	732	4.7
Conduta indesejada em geral (ex. mal comportamento, linguagem vulgar ou xingamento)	604	3.9
Hackeamento ou mal uso de informação ou dados pessoais, violação específica de privacidade	356	2.3
Pessoas dizendo coisas ruins sobre você/danos a sua reputação	283	1.8
Compartilhar imagens ou fotos	187	1.2
Assédio sexual ou mensagens de texto sexuais indesejadas	101	0.7
Compartilhar informação pessoal	106	0.7
CONTATO DE RISCO (geralmente de adultos)	2007	14.0
A possibilidade de contato inapropriado em geral (ex. pessoas más/obscenas, estranhos)	860	5.6
A possibilidade de contato sexual inapropriado em geral (ex. pedofilia, aliciação)	493	3.2
Pessoas fingindo serem outras (ex. não se pode dizer quem é, pessoas mentindo a identidade, falsificação, identidades falsas)	276	1.8
Contato inapropriado real ou tentativa - em geral	141	0.9
Contato inapropriado real ou tentativa - sexual	80	0.5
Encontros cara-a-cara depois de contatos on-line (ex. encontrar estranhos)	83	0.5

(Continua)

Quadro 2. (Continuação)

Tipo de risco	N	%
Persuasão ideológica ou religiosa ou fundamentalista	25	0.2
Outras pessoas acessando seus dados/ser seguido/ cookies	49	0.3
MENÇÕES DE OUTROS RISCOS	1195	7.7
Vírus (ex. sites que mostram coisas de nosso interesse e depois vem com vírus)	317	2.1
Spam, phishing, scams, fraudes (ex. Falsas empresas, informação fraudulenta)	309	2.0
Pop-ups (não especificadas, ou comercial/divulgação/publicidade)	224	1.5
Falta de segurança na internet em geral	78	0.5
Relacionado a buscas (ex. difícil de encontrar as coisas, difícil de avaliar, Informação não fundamentada)	68	0.4
Relacionado a equipamentos/programas (ex. desligamento do computador Internet lenta, difícil de instalar)	54	0.3
Gastar muito tempo on-line (ex. perder para casa, sono, refeições etc., vício)	51	0.3
Jogatina	35	0.2
Regras sobre segurança (ex. não oferecer informação)	29	0.2
Download ilegal	20	0.1
Riscos relacionados à saúde (muscular, visão, etc.)	10	0.1
OUTROS (qualquer risco não codificado acima)	544	3.5
NÚMERO TOTAL DE RISCOS MENCIONADOS PELAS CRIANÇAS	15444	100.0

Base: Todos os 15.444 riscos on-line mencionados por 9.636 crianças que mencionaram algum risco (até três riscos codificados por criança).

Quando alguém me envia uma mensagem como 'Eu vou te matar' ou 'Eu vou roubar todo o seu dinheiro'. (Menino, 11 anos, Áustria)

Anonimato (ao enviar mensagens anônimas a pessoa pode ler mensagens de forma anônima nos fóruns). E talvez o conhecimento da internetização do mundo (tudo está na internet). (Menina, 16 anos, Estônia)

É notável essa grande diversidade, talvez resultante da ‘internetização do mundo’ com a qual, presumivelmente, tudo no mundo agora está on-line, para o bem e para o mal. O que complica a tarefa dos pais, professores e legisladores que buscam minimizar o risco de danos às crianças.

Algumas respostas pareciam vir de experiência direta. Por exemplo, embora apenas alguns poucos mencionaram sites e fóruns pró-anorexia, isso pode ser angustiante para meninas adolescentes:

O que preocupa pessoas da minha idade é a influência de sites ruins como os de como fazer dieta ou perder peso para que você possa ser conhecida como a menina bonita; como coisas relacionadas a vomitar. (Menina, 15 anos, Irlanda)

Da mesma forma, comentários on-line racistas ou políticos podem ter precedência em contextos particulares:

Declarações negativas sobre meu país e apresentando mulçumanos e turcos de forma incorreta me preocupam. (Menino, 15 anos, Turquia)

A propaganda política indesejada. (Menino, 16 anos, República Tcheca)

Outras preocupações refletem aquelas mencionadas nas mídias de massa. De fato, parece que o esforço para aumentar a conscientização dos riscos on-line pode assustar as crianças sugerindo problemas com os quais se espera que elas devam se preocupar.

Eu acho que há sites relacionados com drogas ou sexualidade e sobre bombas, por exemplo, sobre como fazer um coquetel Molotov. (Menino, 16 anos, Hungria)

Alguém pode usar as coisas em uma rede social contra você, por exemplo, quando você procura por um trabalho. (Menina, 16 anos, Áustria)

A maioria das crianças da minha idade pode estar preocupada com alguém que poderia acessar suas informações pessoais ou poderia editar suas palavras para prejudicar sua reputação e seu grupo de amigos. (Menino, 13 anos, Romênia)

Poucas crianças mencionaram alguns dos riscos mais discutidos nos debates de políticas públicas como o “estranho perigoso” ou “vício em internet”. O “estranho perigoso”, em geral, só foi mencionado vagamente, como uma forma de contato inapropriado, embora um sentido de ameaça sexual possa ser discernido em algumas respostas:

Bem, por exemplo, quando eu sou abordada de forma estúpida por algum cara. Tipo, ‘Ei, a gente podia se encontrar qualquer dia? Você é tão bonita!’ ou algo assim. Bem, eu acho assédios como esse assustadores. É completamente louco, isso aconteceu uma vez com uma amiga minha. Alguns caras perseguiram ela no ‘SchülerVZ’. (Menina, 14 anos, Alemanha)

Quando estranhos me enviam mensagens na internet, sites de sexo que abrem sem que eu tenha clicado neles. (Menino, 10 anos, Áustria)

Tirar uma foto minha sem meu conhecimento e colocá-la em um site inapropriado. (Menina, 10 anos, Bulgária)

Tipos e distribuição dos riscos

Depois de codificar os riscos mencionados dentro de uma das 40 categorias, eles foram agrupados de acordo com a classificação de conteúdo, contato e riscos de conduta da pesquisa EU Kids Online (Livingstone et al., 2012), como mostrado na Tabela 2. Os conteúdos de risco colocam as crianças como receptoras, geralmente, de imagens ou textos produzidos em massa (embora o

conteúdo gerado por usuários esteja crescendo significativamente). Os contatos de risco colocam as crianças como participantes em atividades iniciadas por adultos, possivelmente contra a sua vontade ou involuntariamente. Condutas de riscos colocam as crianças como um ator em um contexto de iguais. Mais da metade (55%) dos riscos mencionados foram relacionados a conteúdo, 19% a conduta e 14% a contato; 11% se preocuparam com outros riscos. Dentro dos riscos de conteúdo, a pornografia ficou em primeiro, com 21% entre todos os riscos mencionados pelas crianças, seguido da violência (18% entre todos os riscos mencionados).

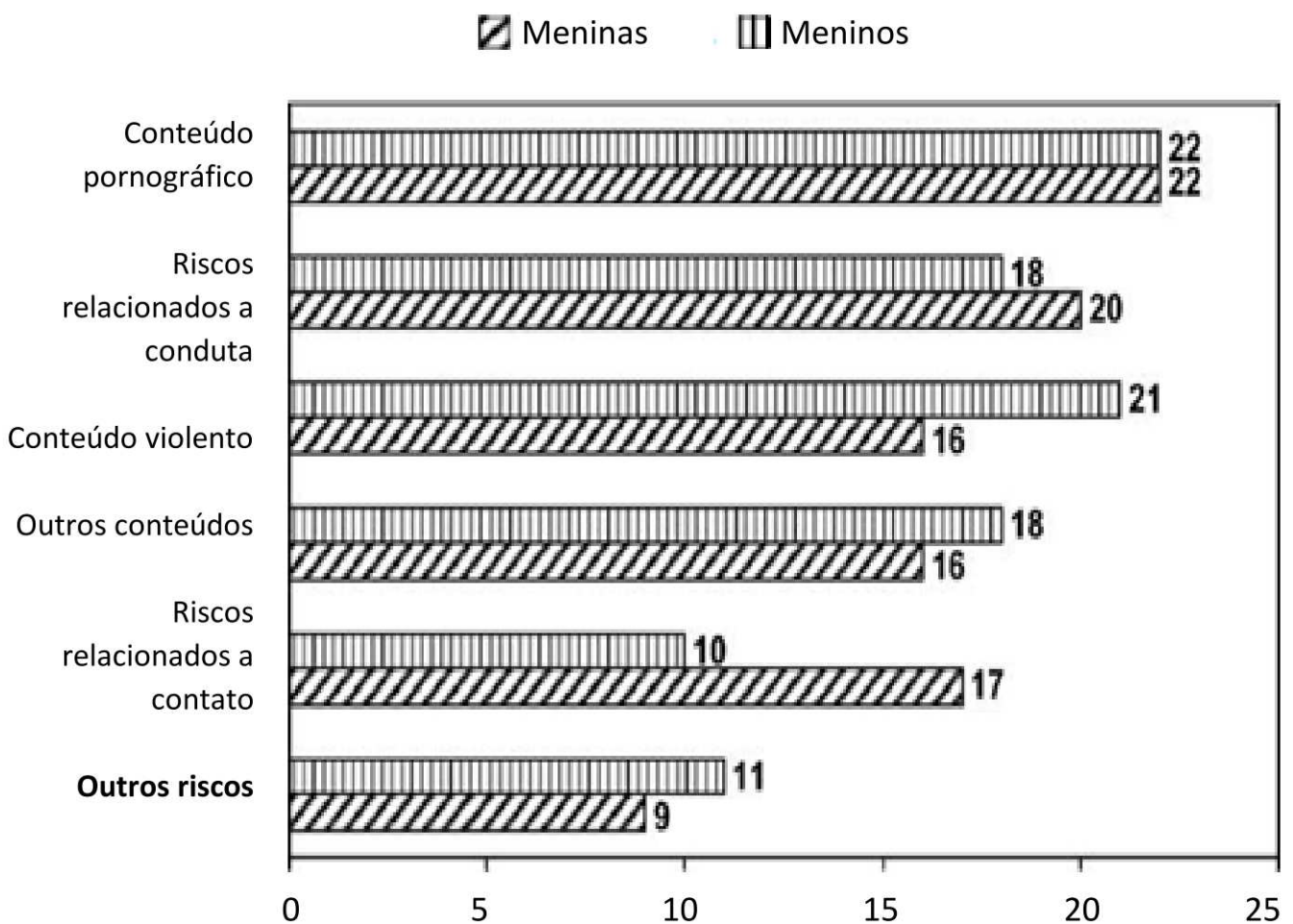


Figura 1. Porcentagem de tipos de risco mencionados, por gênero

Base: Riscos mencionados primeiramente por 5033 meninas e 4603 meninos (entre 9 e 16 anos de idade).

Para comparar os riscos com as informações demográficas dos entrevistados, as análises aprofundadas foram baseadas apenas no primeiro risco mencionado. Os resultados para o primeiro risco mencionado são bem

parecidos com os resultados para todos os riscos: os riscos de conteúdo predominam (58%), seguido por riscos de conduta (19%), riscos de contato (13%) e outros riscos (10%).

Crianças de diferentes gêneros ou idades se focam em riscos diferentes? Como a Figura 1 mostra, não há diferença de gênero para pornografia: 22% dos meninos e garotas mencionam o conteúdo pornográfico primeiro. Meninos se preocupam mais com conteúdo violento que as meninas (21% X 16%); meninas se preocupam mais que meninos sobre risco de contato (17% X 10%) e conduta (20% X 18%). Essas diferenças de gênero são estatisticamente significativas (chi-square [5] = 140.26; $p < 0.001$; Kramer's V = 0.121; $N = 9636$).

Havia também diferenças de idade significativas, com mais riscos sendo identificados por crianças mais velhas. As mais jovens estavam mais preocupadas com conteúdo e outros riscos. As crianças se tornam mais preocupadas com pornografia à medida que se tornam adolescentes, mas então suas preocupações diminuem. A preocupação com conteúdo violento é maior entre os 9 e 10 anos e diminui com a idade. À medida que as crianças se tornam mais velhas, elas ficam cada vez mais preocupadas com riscos interpessoais (conduta e contato). Essas diferenças de idade são estatisticamente significativas (chi-square [35] = 129.97; $p < 0.001$; Kramer's V = 0.052; $N = 9636$).

Embora não se tenha perguntado diretamente às crianças sobre como elas sentem o risco on-line, uma em cada oito (12%) revelaram uma resposta emocional: 5% (431 crianças) indicaram repugnância, 4% (367 crianças) indicaram medo e 3% (254 crianças) indicaram aborrecimento. Quando as respostas emocionais são expressas em relação à violência, são principalmente o medo seguido pela repugnância, enquanto as respostas para pornografia são mais frequentemente a repugnância seguida do medo (esse reverso foi estatisticamente significativo, chi-square [2] = 28.53; $p < 0.001$; Kramer's V = 0.297).

Resumindo, consideraremos as preocupações das crianças em relação aos riscos mais mencionados, a pornografia e o ciber-bullying, já que esses são os mais discutidos em qualquer parte (Livingstone et al., 2012; O'Neill et al., 2103; Palfrey et al., 2008; Staksrud, 2013). Depois examinaremos as preocupações das crianças com conteúdo violento on-line, já que esse tema parece ter sido negligenciado por pesquisadores e legisladores.

Pornografia

A pornografia encabeça a lista das crianças de riscos on-line (mencionado por um em cada cinco entrevistados); nesse ponto, a agenda política reflete as preocupações das crianças. As crianças tendem a evitar descrições explícitas, logo é difícil determinar o quão pesadas são as imagens que os preocupam, embora sua natureza pornográfica geralmente não é duvidosa:

Fotos feias, vídeos feios que sugerem sexo realmente me incomodam. (Menino, 11 anos, Eslovênia)

Uma vez, eu estava procurando por um jogo e fotos de mal gosto apareceram no meu computador, pessoas sem roupas (Menina, 9 anos, Irlanda)

Pessoas fazendo sexo no YouTube. (Menino, 9 anos, Dinamarca)

Ver gente fazendo sexo ou pessoas nuas. (Menino, 10 anos, Portugal)

Dada a pouca idade de muitas dessas crianças, esses resultados apoiam aqueles que pedem por alfabetização digital melhorada (especialmente em relação aos pop-ups e buscadores) e/ou mais regulação dos pais, governos e indústria. As crianças geralmente descrevem tais exposições como acidentais:

Eu acho que não é apropriado para crianças da minha idade ver imagens de mulheres nuas, como nas publicidades on-line que abrem em pop-up quando eu não estou procurando por isso, como no site em que eu confiro meus e-mails. (Menina, 15 anos, Itália)

Embora seja possível que as crianças tenham a intenção de evitar a culpa por conteúdo que elas estavam, na verdade, procurando deliberadamente, a simples distinção entre exposição acidental e deliberada podia ser utilmente repensada. Por exemplo, as crianças podem buscar por nudez leve e encontrarem um conteúdo mais pesado do que aquele que elas imaginavam existir ou elas agem sob pressão dos colegas e depois têm medo de contar a um adulto e ficarem com um acesso a internet restrito (Staksrud, 2013).

Ciber-bullying

As condutas de risco vieram em segundo lugar na lista de preocupações das crianças, uma consequência negativa da rápida disseminação dos dispositivos pessoais ligados à rede. Alguns comentários são expressos de forma simples: ‘Eu não gosto quando as pessoas falam coisas más para você’ (Menino, 10 anos, Eslovênia). Mas, geralmente, as condutas de riscos parecem necessitar de um contexto para explicar como uma situação problemática ocorre:

Bem, a maioria das redes sociais, pois elas te ligam com quase qualquer um e as pessoas podem ficar muito obsessivas com isso, por exemplo, checando o status das pessoas o tempo todo, julgando-as por suas fotos e ouvindo boatos ou dizendo coisas para você. É por isso que o ciber-bullying é tão forte! Eles poderiam simplesmente apagar seus perfis por terem sido mal tratados, mas eles não farão, porque eles tiveram muito trabalho o montando. (Menina, 15 anos, Irlanda)

Às vezes a internet contem fotos que foram postas sem o consentimento das pessoas; eu sei que também podem ser formados grupos contra alguém, nos quais todo mundo que odeia essa pessoa pode se juntar (Menino, 15 anos, Bélgica).

Eu acho que as pessoas ficariam chateadas com pessoas escrevendo status sobre elas. E as pessoas podem ficar chateadas porque se você escreve algo maldoso não há nada que remova isso de lá (Menina, 9 anos, Reino Unido)

O ciber-bullying e outras ameaças entre pares aparecem sutilmente embutidas nas novas e ainda incertas normas sociais e comunicativas associadas com as redes sociais. Os processos de grupo são importantes e podem superar em muito a intenção de qualquer indivíduo. A linha entre comentários para fazer graça e a hostilidade é geralmente ambígua. A fascinação pelo drama interpessoal, encorajado pelos espectadores, repercute imprevisivelmente em dano (Boyd e Marwick, 2011). Embora tenha fortes ligações com o bullying off-line, que geralmente também se foca em agressões verbais dentro do grupo, os fracos laços e as alianças frágeis promovidas pela comunicação on-line

aumentam a variedade de danos à identidade e à reputação e isso, claramente, assusta muitos jovens.

Conteúdo violento

A alta prioridade do conteúdo violento nas preocupações espontâneas das crianças sobre internet é notável dada a relativa negligência para com esse tema na agenda de políticas públicas. Ele também é pouco visto na agenda de pesquisas e muitas pesquisas de riscos on-line não o incluíram. Como mostrado na Figura 1, a violência foi mencionada mais por meninos e crianças menores, embora as meninas e os adolescentes também tenham descrito experiências perturbadoras:

Mostrar imagens de violência física, tortura e suicídio.
(Menina, 12 anos, Eslovênia)

Eu entrei em um site de jogos e cliquei em jogos de ação e vi o trailer de Alien vs. Predator. Era muito sangrento e isso me perturbou. (Menino, 10 anos, Reino Unido)

Qualquer coisa sobre violência que possa ser visto nos sites não é bom para adolescentes da minha idade. Estou falando de violência contra mulheres e crianças e humilhações pervertidas e crueldade contra pessoas em geral. (Menina, 14 anos, Alemanha)

Os jogos Smackdown me incomodam. As pessoas brigam demais. (Menino, 11 anos, Turquia)

Aquelas coisas que mostram o sofrimento ou tormento de outras pessoas como uma coisa engraçada. (Menino, 14 anos, Hungria)

A tradição já estabelecida de pesquisa sobre as respostas de medo das crianças em relação à televisão (Cantor, 2003) revelaram que crianças de todas as idades acham certas imagens assustadoras, mas o que as assusta muda à medida que elas crescem: crianças menores se incomodam mais com violência ficcional em contos de fadas e filmes, enquanto os adolescentes têm medo de

ameaças reais (desastres, guerras, fome e violência real) representadas nas notícias (veja também Nightingale et al., 2000; Van der Molen et al., 2002). No entanto, a gama de violência disponível on-line é maior que aquela vista na televisão (por isso algumas crianças reclamam de imagens de tortura, suicídio ou violência contra crianças).

Pesquisas sobre a exposição das crianças às notícias mostrou que a natureza factual e a importância cultural das notícias faz com que a violência contida seja das mais perturbadoras (Von Feilitzen, 2010). Isso é evidente nas preocupações das crianças sobre imagens factuais na internet:

Algumas notícias chocantes como ataques terroristas.
(Menino, 12 anos, Finlândia)

Eu vi como era a vida em Chernobyl. As pessoas estavam sofrendo com deformidades físicas. Eu fiquei incomodada em ver as imagens e isso me deixou triste. (Menina, 9 anos, França)

Eu fiquei chocada vendo uma criança africana faminta que estava para morrer e um abutre esperando para comê-la. Também, as notícias sobre soldados que morreram enquanto serviam [no] exército, cenas da guerra entre Palestina e Israel me incomodam muito (Menina, 13 anos, Turquia).

Tais reações às notícias impõem um dilema a quem está envolvido com a proteção à criança, já que as notícias são importantes para que os jovens cidadãos entendam seu mundo. Buckingham (1996) considera imperativo que as crianças “encarem a realidade” ou “encarem os fatos”. Lemish (2007: 33) sugere que notícias perturbadoras na televisão facilitam “um senso de responsabilidade social, cívica, consciência, empatia, compaixão e questões éticas relacionadas à dor e sofrimento dos outros”. Os comentários das crianças on-line sobre eventos como a Guerra no Iraque, analisados por Carter e Messenger-Davies (2004), revelaram o desapontamento de jovens cidadãos com a cobertura jornalística e suas frustrações em relação ao fato de os jornalistas os ignorarem como audiência.

Em vez de tentar evitar que as crianças vejam violência real nos jornais, uma solução seria administrar as condições de acesso das crianças a esse conteúdo, dependendo da sua maturidade e das circunstâncias. Aqui a ênfase deve estar na explicação contextual pelos pais e professores assim como no encorajamento de uma discussão cuidadosa e de entendimento crítico. Mas enquanto as notícias na televisão tradicionalmente são vistas na sala de estar da família ou, às vezes, na escola, a internet permite, cada vez mais, um contexto particular ao ver as notícias, o que impede uma mediação conveniente da experiência por parte dos adultos.

A internet descontextualiza a violência não apenas por encorajar que seja assistida individualmente, mas também por retirar os incidentes violentos do seu contexto social e textual, reorganizando-a simplesmente como imagens repugnantes e horrorosas. Os relatos de muitas crianças são centralizados em montagens gráficas angustiantes de sequências descontextualizadas de acidentes, abusos ou morte:

Vídeos horríveis de acidentes de carro reais. (Menino, 12 anos, Eslovênia)

Eu vi um vídeo de um menino pendurado em uma rodagigante e o homem estava filmando isso. Eu fiquei chocado porque ele não ajudou o menino, em vez disso eles pararam a roda e o menino caiu. (Menina, 15 anos, Finlândia)

Há um monte de sites mostrando clips com vídeos repugnantes. Um colega me mostrou uma vez uns vídeos de uma execução. Não era engraçado, era insano. Eu fiquei assustado. (Menino, 15 anos, Suécia)

Embora as crianças nesse estudo tiveram pouca chance de descrever as circunstâncias em que eles encontraram esses conteúdos, pesquisas sobre assistir imagens violentas apontaram para uma real cultura entre pares de testar quanto alguém pode suportar (Jerslev, 2001) ou uma curiosidade sobre o que há no mundo para além das fronteiras limitantes impostas pelos adultos (Sumiala e Tikka, 2011). Um menino de 11 anos de idade da Irlanda deu umas pistas sobre essas circunstâncias quando ele escreveu: “Coisas assustadoras – Eu vi algumas na casa do meu amigo e não consigo tirar isso da cabeça”. Como Nightingale et

al. (2000: 21) descobriu, as crianças podem ter um “prazer especial em descrever os detalhes de imagens horríveis que elas viram”. Goetz et al. (2005) acrescenta que, mesmos nas mais felizes fantasias das crianças relacionadas à mídia, o medo e a ameaça frequentemente circundam na periferia, exatamente porque as crianças têm consciência de suas vulnerabilidades, embora os adultos possam deixar isso de lado, preferindo evitar esses sentimentos em vez de encará-los com as crianças. Logo, é notável, mas esperado, que o que incomoda particularmente as crianças sejam representações de vítimas vulneráveis – animais, pessoas deficientes e vítimas como elas mesmas, ou seja, crianças:

Crueldade com animais, adultos batendo em crianças.
(Menina, 9 anos, Dinamarca)

As pessoas às vezes colocam coisas on-line como crueldade com animais e outros conteúdos que não são humanos! Eu acho que isso é realmente chocante. (Menina, 15 anos, Holanda)

Estórias de matança de todo tipo; vídeos sobre tortura; não importa se são animais ou crianças sendo intimidadas/torturadas, os dois são repugnantes. (Menino, 11 anos, Estônia)

Violência contra crianças e animais; fotos ou vídeos chocantes sobre países pobres. (Menina, 16 anos, França)

Eu odeio quando vejo animais apanhando, ou pessoas brigando umas com as outras, ou aquelas imagens assustadoras ou coisas sangrentas. (Menina, 13 anos, Hungria)

Embora resumidas, essas respostas são eloquentes em demonstrar o choque das crianças ao verem crueldade, humilhação e abuso, especialmente contra crianças e animais. Como Buckingham (2006: 283) disse em relação à televisão, embora as crianças desenvolvam estratégias para enfrentar os sentimentos indesejados induzidos por material ficcional, elas geralmente acham bem mais difícil lidar com a não-ficção que não pode ser desprezada

como “feita” e porque “elas são tão frágeis para intervir em questões que as incomodam”.

Assim como nas nossas observações anteriores sobre a distinção muito simplificada entre ações acidentais e deliberadas em relação à pornografia e o ciber-bullying, parece inapropriado culpar as crianças por serem parte na troca de conteúdo violento. Pesquisas sobre televisão e outras mídias de tela demonstram o reconhecimento do desejo genuíno das crianças em entender e se responsabilizar, embora a internet forneça uma quantidade absurda de conteúdo, alguns além até da compreensão de adultos. Acrescente a pressão familiar e poderosa para se juntar com os seus pares e pertencer ao grupo e é claro que muitas crianças estão mal preparadas para evitar experiências perturbadoras.

Mapeamento de riscos dentro das plataformas







“A internet” não é uma caixa preta para crianças e sites e serviços diferentes têm possibilidades distintas. Quase metade das crianças (N = 4363) que mencionaram riscos on-line espontaneamente os ligaram a uma plataforma em particular. Os sites de compartilhamento de vídeos como o YouTube ou Redtube foram os mais mencionados, foram 32% das crianças que mencionaram alguma plataforma ao descrever riscos on-line que preocupam sua faixa etária. Em segundo lugar vem os sites (29%), seguido pelos sites de redes sociais (13%) e depois os jogos (10%).

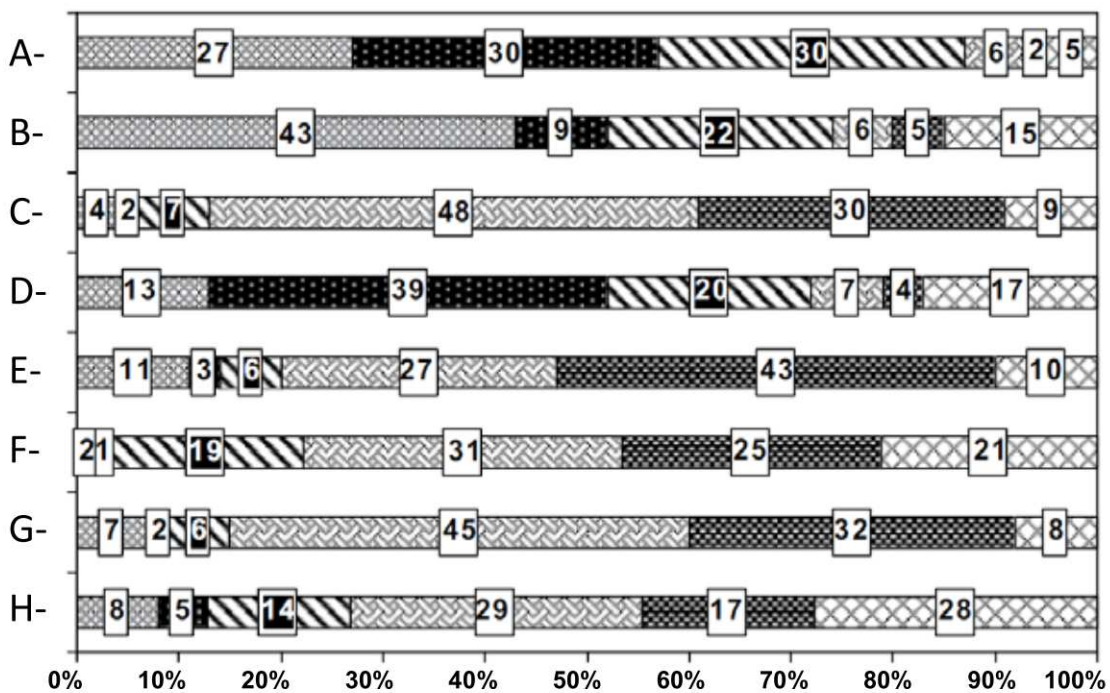
Análises mais detalhadas revelaram que as plataformas têm riscos específicos (ver Figura 2). Os riscos associados com sites de compartilhamento de vídeos são principalmente conteúdo violento (30%), pornográfico (27%) e outros conteúdos de risco (30%):

YouTube. Vídeos terríveis, imagens terríveis. (Menino, 13 anos, Reino Unido)

Vídeos em que adolescentes mais velhos maltratam crianças deficientes e colocam o vídeo no YouTube. (Menina, 9 anos, Itália)

Esses sites no YouTube que mostram sexo ou violência, eles não deveriam poder colocar esses vídeos na internet ou também vídeos com jovens humilhando os colegas ou fazendo bullying com eles. (Menino, 15 anos, Itália)

-  Conteúdo pornográfico (N=1018)
-  Outros conteúdos (N=8670)
-  Riscos relacionados a contato (N=459)
-  Conteúdo violento (N=690)
-  Riscos relacionados a conduta (N=646)
-  Outros riscos (N=491)



A - Sites de compartilhamento de vídeo (N=1327) B - Websites (N=1268) C - Redes sociais(N=496)
 D - Jogos (N=402) E - Salas de chat (N=207) F - E-mail (N=154)
 G - Mensagens instantâneas (N=126) H - Outras plataformas (N=191)

Figura 2. Quais riscos são associados a quais plataformas? (% de risco atribuído a cada plataforma).

Base: crianças de 9 a 16 anos que mencionaram uma plataforma ao descrever riscos on-line (N = 4171).

Os riscos associados com sites de redes sociais como o Facebook são mais relacionados com riscos de conduta (48% dos riscos associados com redes

sociais) e de contato (30%). Riscos associados com sites basicamente estão relacionados com pornografia (43%), enquanto aqueles associados com jogos são basicamente o conteúdo violento (39%) e aqueles associados com salas de chat foram relacionados com riscos de contato (43%) e de conduta (27%).

Os meninos relatam mais preocupações com sites de compartilhamento de vídeos (34% dos meninos que mencionaram uma plataforma X 29% das meninas) ou jogos na internet (12% dos meninos X 8% das meninas). As meninas estão mais preocupadas com redes sociais (15% das meninas que mencionaram uma plataforma X 10% dos meninos). Essa diferença de gênero é estatisticamente significativa (chi-square [7]= 63.24; $p < 0.001$; Kramer's V= 0.12; $N = 4356$), apontando para um modelo familiar por meio do qual os meninos se preocupam mais com entretenimento de massa (vídeos, jogos) enquanto as meninas se preocupam com comunicação interpessoal (Livingstone et al., 2012).

CONCLUSÕES

O quadro atual das preocupações das crianças sobre a internet sugere que as pesquisas orientadas por políticas não devem ser tomadas simplesmente como guias para a agenda de políticas públicas, para além, elas devem atender as preocupações das crianças expressas por elas mesmas. Como documentados nesse artigo, que revela, primeiro, uma diversidade considerável de riscos on-line; segundo, a natureza sutil das circunstâncias que ocasionam tais riscos; e terceiro, a importância das imagens violentas, aparentemente negligenciadas pelas políticas públicas e pesquisas.

A análise de conteúdo de violência no YouTube mostra que ele é mais realístico nas suas consequências e mais negativo no seu contexto, comparado com violência na televisão (Weaver et al., 2012). Shifman (2011) enfatiza a normalidade das pessoas mostradas nos vídeos no YouTube como parte do seu apelo. Possivelmente, a exposição à violência gera respostas cívicas ou de compaixão (Buckingham, 1996; Carter e Messenger-Davies, 2004; Hoijer, 2006). Mas também é possível que o resultado seja uma excitação emocional com a violência (Bushman et al., 2010), a desensibilização emocional para a dor nos outros (Bjorkqvist, 1985) e padrões de comportamento violento em eventos cotidianos (Huesmann e Kirwil, 2007). Já que essas alegações contrastantes

foram exploradas principalmente para televisão, filmes e jogos, agora se faz necessário pesquisas sobre imagens violentas on-line.

Em debates sobre segurança na internet, a maior parte das atenções se foca nos riscos sexuais e entre pares como o “estranho perigoso”, ciber-bullying e mensagens de conteúdo sexual. É possível que, embora a história das políticas de mídia audiovisual tem sempre priorizado as preocupações com crianças e violência, a interatividade da assim chamada Web 2.0 obscureceu o uso comum da internet para trocas de conteúdo produzido e circulado em massa. Nós não estamos cientes, por exemplo, dos conselhos sobre como lidar com conteúdo violento presentes nas principais dicas distribuídas a pais e crianças pelas agências de proteção à criança. Embora o YouTube tenha instalado um simples filtro de conteúdo na base da sua página inicial, parece haver pouco esforço para promover ou avaliar essa ferramenta. Nem os filtros parentais funcionam para conteúdo distribuído ou gerado por usuários em sites entre pares como YouTube (exceto ao bloquear o site completamente ou demandar que os usuários marquem qualquer vídeo problemático individualmente; Cybion Srl e Stiftung Digitale Chancen, 2012).

Também é pouco conhecido como o contexto social da exposição molda as respostas emocionais das crianças. Nós mostramos que as crianças podem temer ou terem aversão ao que encontram on-line. Mas as intervenções políticas ainda não direcionam essas emoções em esforço para aumentar a sensibilização ou ensinar uma educação digital e segurança. Ao mesmo tempo em que observamos o choque ou incômodo das crianças em resposta ao conteúdo violento, também problematizamos qualquer conclusão simplista que, como resultado, poderia restringir seu acesso, já que uma razão pela qual as crianças exploram o mundo on-line é justamente para explorar experiências que lhes são negadas off-line. O que as leva para situações ambíguas, caracterizadas pelo o que Boyd (2008) chamou de “contextos colapsados”, no qual conteúdos de risco são mesclados em uma cultura de pares adolescentes de compartilhamento e audácia à medida que os links são passados de criança para criança, ritualisticamente discutidos no dia seguinte e usados em julgamentos sociais sobre pertencimento ou exclusão do grupo.

Concluindo, recomendamos que as pesquisas futuras cuidadosamente ouçam mais as vozes das crianças e jovens em relação aos riscos on-line, tanto porque suas preocupações são diferentes daquela dos adultos quanto porque os relatos das crianças oferecem compreensões valiosas sobre as condições das

suas angústias. É importante examinar as práticas sociais associadas com as trocas com colegas de pornografia e vídeos de violência descontextualizada no YouTube e outros sites de compartilhamento de vídeo (já que são preparados por adultos: Burgess e Green, 2009; Haridakis e Hanson, 2009). A combinação de possibilidades tecnológicas desconhecidas, norma on-line incerta e pressão dos colegas off-line tornam perigoso julgar as intenções ou responsabilidades das crianças de forma simplista e as intervenções protetivas dos adultos requerem cuidados. Pode-se propor também que as crianças devam ser consultadas em relação a possíveis soluções (Bucht e Edstrom, 2012; Nightingale et al., 2000), embora também não devam ser dadas como certas as visões delas sobre o assunto:

Eu acho que quanto menos as crianças sabem sobre a internet, maiores são os riscos. (Menina, 12 anos, Grécia)

Na minha opinião, todos os sites são bem-vindos; se você não gosta de certo site, você simplesmente o evita. Somos pessoas diferentes, com gostos diferentes. Então, deve haver todo tipo de site na internet, com conteúdo amplo e diverso para todos os gostos. (Menino, 14 anos, Romênia)

Depende da sua idade. Se você tem cerca de 10 anos então deve ser ruim acabar de repente em um site pornô. Quando se é um pouco mais velho e acaba em um site pornô, você não se importa muito e simplesmente o fecha. (Menina, 15 anos, Noruega)

Violência excessiva, pornô, produtos comerciais que são totalmente aborrecedores; eu acho que a União Europeia devia usar seu poder sobre os computadores para bloquear site. (Menino, 15 anos, Portugal)

Bloquear alguns sites benéficos que estamos felizes em usar (como os sites de compartilhamento de vídeo e música) e a dificuldade em acessar qualquer site que queiramos na internet, isso nos incomoda... a disponibilidade das coisas que nos deixa infelizes também nos incomoda. (Menino, 15 anos, Turquia)

Como as citações ilustram, as opiniões delas aqui, como em outros temas, são fortemente diversificadas. Elas reconhecem que o contexto a exposição importa, assim como a maturidade da criança. Elas podem ser tanto censores quanto libertários quando adultos. E elas estão cientes de que assim como os riscos significam que seu uso da internet é restrito, isso traz custos em termos de oportunidades off-line.

Agradecimento

Os autores agradecem os membros da rede EU Kids Online pelo seu trabalho em codificar e traduzir o material qualitativo analisado aqui e por seu apoio nas versões primárias desse artigo.

Financiamento

Esse artigo se baseia no trabalho da rede EU Kids Online fundado pela EC (DG Sociedade de Informação) Programa Internet mais Segura (código do projeto SIP-KEP-321803); veja www.eukidsonline.net.

REFERÊNCIAS

- Bakardjieva M (2005) Conceptualizing user agency. *Internet Society: The Internet in Everyday Life*. London: Sage, pp. 9–36.
- Björkqvist K (1985) *Violent Films, Anxiety and Aggression*. Helsinki: The Finnish Society of Sciences and Letters.
- Bond E (2012) Virtually anorexic – Where’s the harm? A research study on the risks of pro-anorexia websites. Full report. November. University Campus Suffolk, School of Applied Social Sciences. Available at: www.ucs.ac.uk/virtuallyanorexic.
- boyd d (2008) Why youth ♥ social network sites: The role of networked publics in teenage social life. In: Buckingham D (ed.) *Youth, Identity, and Digital Media*, Vol. 6. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 119–142.
- boyd d and Marwick AE (2011) Social privacy in networked publics: Teens’ attitudes, practices, and strategies. In: *A Decade in Internet Time: Symposium on the Dynamics of the Internet and Society, SSRN*, September. Available at: ssrn.com/abstract=1925128.
- Bucht C and Edström M (2012) Youth have their say on internet governance. Nordic Youth Forum, EuroDIG, Stockholm. Available at: www.nordicom.gu.se/clearinghouse.php?portal=publ&main=info_publ2.php&ex=364&me=3.

- Buckingham D (1996) *Moving Images: Understanding Children's Emotional Responses to Television*. Manchester: Manchester University Press.
- Buckingham D (2006) Children viewing violence. In: Weaver CK and Carter C (eds) *Violence and the Media*. Maidenhead: Open University Press.
- Buckingham D and Bragg S (2004) *Young People, Sex and the Media: The Facts of Life?* Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Burgess J and Green J (2009) *YouTube: Digital Media and Society Series*. Cambridge: Polity Press.
- Bushman BJ and Huesmann LR (2006) Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine* 160: 348–352.
- Bushman BJ, Bushman B and Gibson B (2010) Violent video games cause an increase in aggression long after the game has been turned off. *Social Psychological and Personality Science* 2: 29–32.
- Cantor J (2003) Media and fear in children and adolescents. In: Gentile D (ed.) *Media Violence and Children: A Complete Guide for Parents and Professionals*. Westport, CT: Praeger, pp. 185–204.
- Carter C and Messenger-Davies M (2004) Scary news: Citizenship, children's news and children's online responses to news of war and conflict. In: Biressi A and Nunn A (eds) *Media War*. London: Lawrence and Wishart.
- Cyberon Srl and Stiftung Digitale Chancen (2012) *Benchmarking of Parental Control Tools for the Online Protection of Children SIP-Bench II. Assessment Results and Methodology 4th Cycle*. Bruxelles: INNOVA Europe.
- Eurobarometer (2007) Safer internet for children – Children's perspectives. Available at: ec.europa.eu/information_society/activities/sip/surveys/qualitative/index_en.htm.
- Goetz M, Lemish D, Aidman A and Moon H (2005) *Media and the Make-Believe Worlds of Children: When Harry Potter Meets Pokemon in Disneyland*. Mahwah, NJ.: Lawrence Erlbaum.
- Görzig A (2012) Methodological framework: The EU Kids Online Project. In: Livingstone S, Haddon L and Görzig A (eds) *Children, Risk and Safety on the Internet: Research and Policy Challenges in Comparative Perspective*. Bristol: The Policy Press, pp. 15–32.
- Haddon L and Stald G (2009) A comparative analysis of European press coverage of children and the internet. *Journal of Children and Media* 3(4): 379–393.
- Haridakis P and Hanson G (2009) Social interaction and co-viewing with YouTube: Blending mass communication reception and social connection. *Journal of Broadcasting and Electronic Media* 53(2): 317–335.
- Hoffner CA and Levine KJ (2007) Enjoyment of mediated fright and violence: A meta-analysis. In Preiss RW, Gayle BM, Burrell N et al. (eds) *Mass Media Effects Research: Advances Through Meta-analysis*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum, pp. 215–244.

Höijer B (2006) Global discourses of compassion: Audience reactions to news reports of human suffering. In: Weaver CK and Carter C (eds) *Critical Readings: Violence and the Media*. Maidenhead: Open University Press, pp. 346–360.

Huesmann LR and Kirwil L (2007) Why observing violence increases the risk of violent behavior? In: Flannery DJ, Vazsonyi AT and Waldman ID (eds) *The Cambridge Handbook of Violent Behavior and Aggression*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 545–570.

James A, Jenks C and Prout A (1998) *Theorizing Childhood*. Cambridge: Polity Press.
 Jerslev A (2001) 'Video nights'. Young people watching videos together – a youth cultural phenomenon. *Young* 9(2): 2–18. Kirwil L (2012) Czy kontakt z przemocą na ekranie pozostawia traumatyczne doświadczenia?

[Does exposure to screen violence remain a traumatic experience?] In: Grzegołowska-Klarkowska HJ (ed.) *Aggression, Socialization, Education*. Warsaw: Academy of Special Education Press, pp. 59–81 [in Polish].

Lemish D (2007) *Children and Television: A Global Perspective*. London: Blackwell.

Livingstone S (2009) Half a century of television in the lives of our children and families. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* 625: 151–163.

Livingstone S, Haddon L and Görzig A (eds) (2012) *Children, Risk and Safety Online: Research and Policy Challenges in Comparative Perspective*. Bristol: The Policy Press.

Millwood Hargrave A and Livingstone S (2009) *Harm and Offence in Media Content: A Review of the Evidence*. Bristol: Intellect Press.

Nairn A and Dew A (2007) Pop-ups, pop-unders, banners and buttons: The ethics of online advertising to primary school children. *Journal of Direct, Data and Digital Marketing Practice* 9: 30–46.

Nightingale V, Dickenson D and Griff C (2000) *Children's Views about Media Harm*. Sydney: University of Western Sydney, Australian Broadcasting Authority.

O'Neill B, Staksrud E and McLaughlin S (eds) (2013) *Towards a Better Internet for Children? European Policy Pillars, Players and Paradoxes*. Göteborg: Nordicom.

Palfrey J, Sacco D, Boyd D and DeBonis L (2008) *Enhancing Child Safety and Online Technologies: Final Report of the Internet Safety Technical Task Force to the Multi-State Working Group on Social Networking of State Attorneys General of the United States*. Cambridge, MA: Harvard University, The Berkham Center for Internet and Society.

Peter J and Valkenburg PM (2008) Adolescents' exposure to sexually explicit internet material, sexual uncertainty, and attitudes toward uncommitted sexual exploration: Is there a link? *Communication Research* 35: 579–601.

Ponte C, Simões JA and Jorge A (2013) Do questions matter on children's answers on risk and safety? *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace* 7(1). Available at: www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2013021801&article=2.

Safer Internet Centre (2013) Have your say: Young people's perspectives about their online rights and responsibilities. Available at: www.saferinternet.org.uk/safer-internet-day/2013/survey.

Shifman L (2011) An anatomy of a YouTube meme. *New Media and Society* 14(2): 187–203. Staksrud E (2013) *Children in the Online World: Risk, Regulation and Rights*. Farnham: Ashgate. Sumiala J and Tikka M (2011) Imagining globalized fears: School shooting videos and circulation of violence on YouTube. *Social Anthropology* 19(3): 254–267.

UNICEF (2012) *Child Safety Online: Global Challenges and Strategies*. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre.

Van der Molen JHW, Valkenburg PM and Peeters AL (2002) Television news and fear: A child survey. *Communications* 27: 303–317.

Von Feilitzen C (2010) Influences of mediated violence: International and Nordic research findings. In: Carlsson U (ed.) *Children and Youth in the Digital Media Culture*. Gothenburg:

Nordicom, pp. 173–187. Weaver AJ, Zelenkauskaite A and Samson L (2012) The (non)violent world of YouTube: Content trends in web video. *Journal of Communication* 62(6): 1065–1083. Wilson B (1989) The effects of two control strategies on children's emotional reactions to a frightening movie scene. *Journal of Broadcasting and Electronic Media* 33: 397–418.